APONTAMENTOS SOBRE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E PRÁTICA CIENTÍFICA EM ESCRITOS DE MICHEL PÊCHEUX

Verli Petri
DLV-PPGL Laboratório Corpus UFSM
Kelly Fernanda Guasso da Silva*

***Resumo**: Tomando como ponto de partida a perspectiva discursiva e pensando na especificidade do discurso produzido enquanto ciência e, portanto, relacionado e direcionado à circulação do conhecimento é que nos propomos a discutir as noções de produção do conhecimento e de prática científica nos escritos de Michel Pêcheux. Consideramos que o sujeito da produção do conhecimento inscreve-se para assumir uma posição-sujeito e inevitavelmente deixa ver o seu assujeitamento não só à ideologia e à língua, mas também à teoria e à norma. É nesse viés que tentamos recuperar um pouco das noções de ciência e de sujeito da ciência, que entendemos essenciais para a compreensão da prática científica, bem como imprescindíveis para suscitar reflexões acerca das relações entre ciência, discurso e sujeito. A produção do conhecimento linguístico abarca o nosso objetivo de pesquisa enquanto possibilidade de apresentar a constituição da categoria do sujeito. Consideramos a historicidade que permeia os saberes sobre discurso, sujeito e outros elementos constitutivos da exterioridade, tais como ideologia e condições de produção dos discursos. Este texto traz à baila resultados de pesquisa em andamento, são apontamentos que contribuem para a elaboração de um saber sobre como se dá a produção do conhecimento e a prática científica em escritos de Michel Pêcheux.*

***Abstract**: Taking as a starting point the discursive perspective, besides thinking about the specificity of the discourse produced*

as science, and therefore related and directed towards the circulation of knowledge, we propose to discuss the notions of production of knowledge and scientific practice in the writings by Michel Pêcheux. We consider that the subject of knowledge production takes a subject position and inevitably shows their subjection not only to ideology and language, but also to theory and rule. In this perspective we try to regain some of the notions of science and subject of science, which we see as essential for the understanding of scientific practice, as well as indispensable to raise reflections about the relations among science, discourse and subject. The production of linguistic knowledge encompasses our research goal as a possibility to present the constitution of the subject category. We consider the historicity that permeates knowledge on discourse, subject and other components of externality, such as ideology and conditions of discourse production. This text presents partial research results, which are notes that contribute to the development of knowledge about how the production of knowledge and scientific practice occur in writings by Pêcheux.

Considerações iniciais

> Será que nem todo o cientista se interessa, desde que seja um pouco curioso, pela história de sua ciência; será que nem todo o cientista se coloca, mesmo que de forma simples, questões fundamentais sobre a razão de ser dos problemas, dos conceitos, dos métodos de sua ciência, questões filosóficas (epistemológicas) de sua própria ciência? (Pierre Macherey. In: CANGUILHEM, 2009, p.257-258)

Iniciamos nossas reflexões com a questão que Pierre Macherey se coloca ao escrever o posfácio à obra de Georges Canguilhem, na qual as reflexões sobre o normal e o patológico perpassam as noções de ciência e de sujeito da ciência, levando em conta "o meio" ou as condições de produção do conhecimento. Para nós, saber mais sobre a história da ciência é fundamental para compreensão da constituição dos

conceitos e dos dispositivos teórico-analíticos dos quais dispomos, porque tomamos a história como constitutiva do discurso e do sujeito e, portanto, do sentido. As noções de ciência e de sujeito da ciência, especialmente, tal como foram exploradas por Michel Pêcheux, nos instigam há bastante tempo, pois trabalhamos em conformidade com a afirmação de Paul Henry que sinaliza:

> Os instrumentos científicos não são feitos para dar respostas, mas para colocar questões. É pelo menos isto que Pêcheux esperava de seu dispositivo: que ele fosse verdadeiramente o meio de uma experimentação efetiva. Além do mais, creio que sua reflexão geral sobre aquilo que é verdadeiramente um instrumento científico merece ainda nossa reflexão. (HENRY, 1993, p.36[1])

Neste trabalho, realizamos alguns apontamentos sobre as noções de produção do conhecimento e prática científica, tocando de perto a questão da história das ciências, o que pode contribuir com as reflexões que têm sido empreendidas na área de Análise de Discurso, tal como vem sendo desenvolvida no Brasil nas últimas décadas. Para abordar tal problemática, fizemos um recorte teórico e referencial, o que nos leva à elaboração de alguns apontamentos sobre a temática em estudo. Nossa reflexão está embasada na leitura de alguns escritos de Michel Pêcheux, bem como de alguns de seus interlocutores e de leitores mais atuais, numa tentativa de dar conta das relações entre tais noções no trabalho desse autor e de tantos outros com quem dialoga.

Reler Michel Pêcheux é sempre um desafio[2], propor interpretação para seus escritos é, na maioria das vezes, uma grande ousadia. Ousar é preciso, pois "com a leitura de Michel Pêcheux, nós temos um método para pensar a língua, as línguas, as linguagens, os sentidos, os sujeitos, o mundo" (ORLANDI, 2011, p.12). Além de aceitar o desafio de compreender um pouco mais das ideias pecheuxtianas, acreditamos que há sempre algo a mais a ser lido e compreendido, como nos ensina Orlandi (Idem), é preciso "ler com o empenho da compreensão, com o entusiasmo de quem sabe estar entrando em um lugar novo de reflexão, uma outra compreensão da linguagem, dos sujeitos, dos sentidos".

É pela retomada das ideias teóricas de Pêcheux (1995), quando problematiza as noções de corte epistemológico e de corte continuado, por exemplo, que podemos apresentar alguns pontos que consideramos

essenciais para refletir acerca da objetividade científica. É por meio de uma tomada de posição, portanto, que o sujeito considera/desconsidera, concorda/discorda, critica/aceita um saber: discutindo, repetindo, negando e/ou problematizando o discurso, até que se promova um deslocamento das ideias teóricas historicamente definidas, de modo a romper com os dizeres até então ditos sem deixar, de alguma maneira, de convocá-los.

Refletir sobre a produção do conhecimento a partir do viés materialista do discurso nos conduz, então, a considerar o que vem a ser um corte epistemológico, ou seja, esse "trabalho do impensado no pensamento" problematizado por Pêcheux (1995, p.194). Entendemos, pois, que os processos discursivos, inevitavelmente atravessados pelo modo de produção capitalista e sob o domínio do jurídico, têm em sua constituição um processo histórico que mobiliza os dizeres já ditos e os reorganiza de maneira que promova uma ruptura nas ideias estabelecidas. Dá-se, nesse sentido, uma transformação de saberes.

E é por meio da forma-sujeito do discurso, que reorganiza o conhecimento propondo um novo ponto de vista, que temos uma outra/nova tomada de posição frente aos discursos já-ditos. Questionando-se acerca das evidências, o sujeito do discurso problematiza os conhecimentos já postos e desestabiliza aquilo que, até então, era tido como verdade absoluta; é assumindo a posição que ele acredita[3] ser a de crítico, questionador e capaz de retificar suas próprias elaborações e as de outros sujeitos que a forma-sujeito torna-se o espaço profícuo de inscrição de uma prática científica que propõe saberes outros, inclusive por meio de um corte continuado.

Desestabilizando os saberes e introduzindo novas possibilidades teórico-discursivas, por meio de um efeito de verdade, frente ao impensado, o efeito de evidência é trazido por Pêcheux (1995) para destacar que, entre outras questões, a verdade pode apresentar significados diferentes para sujeitos distintos. Questão essa que nos permite apreender que o sentido pode sempre ser outro, já que é inevitavelmente atravessado pelas condições de produção do sujeito que o (re)produz.

Mais uma vez, nos propomos a ler Michel Pêcheux como quem entende que "as questões nunca estão já sempre respondidas. Elas retornam." De fato, estamos diante de uma "práxis teórica não servil" (ORLANDI, 2011, p.12).

1.Sobre o corte epistemológico e o "corte continuado"[4]

A história de uma ciência, dita nova, se daria a partir de um corte epistemológico, apresentado por Pêcheux e Balibar (1971, p.11), numa releitura de F. Reignault, como "o ponto 'sem regresso' a partir do qual a ciência começa", considerando que "o termo 'ponto sem regresso' constitui uma tomada de posição". Ao trazer à baila a noção de tomada de posição, Pêcheux e Balibar, no texto "Definições", nos indicam que há uma relação muito forte com a questão ideológica, já que um sujeito toma posição em relação às formações ideológicas que estão em funcionamento em dado momento histórico. Tais questões nos levam a refletir sobre a noção de "corte epistemológico" e, sobretudo, sobre a noção de "corte continuado" (PÊCHEUX, 1995), levando em conta, entre outros elementos, a exterioridade e a historicidade que constituem o discurso.

A noção de corte e de corte epistemológico perpassa a obra de Pêcheux em diferentes momentos, dos quais optamos por destacar dois em especial: a) década de 1960, representada aqui pela obra *Sobre a História das Ciências* (1969[5]): o corte epistemológico como constitutivo da fundação de uma ciência dada como nova; b) década de 1970: o corte continuado, fazendo valer a noção de "campo epistemológico", representada aqui pela obra *Semântica e discurso*: *uma crítica à afirmação do óbvio* (1975[6]), mais especificamente o capítulo "Ruptura epistemológica e forma-sujeito do discurso: não há 'discurso científico' puro". A partir dessas duas publicações, estabelecem-se relações com outros textos de Pêcheux e de outros autores que se interessam pela problemática.

Partindo do pressuposto de que não haveria como "saltar" fora da ideologia, em um movimento de produção-reprodução-transformação, mesmo em se tratando do discurso da ciência, pois entendemos que a ideologia é constitutiva de todo e qualquer discurso e de toda e qualquer tomada de posição do sujeito, sob dadas condições de produção, entendemos que o corte epistemológico não escapa disso, já que "o corte constitutivo de uma ciência se efetua necessariamente numa conjuntura definida, na qual as origens [...] sofrem um deslocamento para um novo espaço de problemas" (PÊCHEUX; BALIBAR, 1971, p.12-13), no qual sujeitos tomam posições para produzir discurso. Da mesma forma, precisamos considerar que é o corte que tem "por efeito

tornar impossíveis certos discursos ideológicos ou filosóficos que o precedem" (Idem, p.14). Se, por um lado, "o corte tem como resultado determinar uma autonomia relativa da nova ciência que lhe corresponde", por outro lado, a continuidade da "disciplina nascente" vai se dar a partir da "possibilidade de instituir um procedimento experimental que lhe seja adequado" (Idem, p.15). Nesse momento, a reflexão que empreendem Pêcheux, Balibar e Fichant nos remete à noção de corte epistemológico capaz de romper com uma questão teórica anterior, desde que apresente procedimentos diferenciados, o que de certa forma observa-se na fundação da Teoria do Discurso em suas relações com a Linguística, por exemplo.

Já nessa primeira reflexão, o corte epistemológico é bastante questionado no sentido de que seria considerado uma ruptura com tudo o que veio antes, um ponto sem regresso, pois, no final da década de 1960, fazia-se necessária uma tomada de posição frente às discussões filosóficas que colocavam em pauta o funcionamento das correntes "continuísta" e "descontinuísta", presentes na história das ciências, considerando que "les continuistes aiment à réfléchir sur les origines, ils se journent dans la zone d'élémentarité de la science."[7] (BACHELARD, 1972[8], p.246). Assim sendo, a corrente descontinuísta é a que mais tem afinidade com a ideia de corte, porque desse ponto de vista o saber não tem um desenvolvimento contínuo, questionando especialmente o idealismo e o evolucionismo. De acordo com Pêcheux e Balibar (1971, p.12), "a posição descontinuísta recusa a noção de 'saber' como desenvolvimento contínuo do 'conhecimento comum' ao 'conhecimento científico', da aurora da ciência à ciência moderna". Já está posta, nesse momento, a discussão sobre uma suposta busca das origens de um dado saber, o que não se justificaria cientificamente como relevante, já que o que mais interessa é entender que há sempre a possibilidade de deslocá-lo, realocando fronteiras, construindo outras relações e constituindo uma nova gama de problematizações.

De fato, "uma ciência não é o produto de um único homem" (PÊCHEUX; BALIBAR, 1971, p.14), assim como "toda ideologia é coletiva nela mesma e deve ter sua parte de utopia na sua vida imaginativa, na condição de podermos apreendê-la nos momentos mais instáveis" (SCHERER; DIAS; PETRI, 2014, no prelo); e, assim sendo, torna-se inviável a tese de que haveria um teórico fundador e "genial" para uma nova ciência, pois o sujeito da ciência está inscrito em dadas

formações discursivas e relaciona-se, ainda que de modo bem singular, com a ideologia que o domina. O sujeito da ciência é compreendido, então, como uma tomada de posição, entre tantas outras possíveis (não podendo também ser qualquer uma), num dado momento histórico no qual as circunstâncias determinam que haja uma dada produção do conhecimento e não outra, que esta produção estabeleça certas relações com o que está posto para promover os deslocamentos necessários, para fazer perguntas outras.

Talvez, por considerarmos que há um sujeito da produção do conhecimento, tantas vezes nomeado como o sujeito da ciência, e que é também um sujeito que toma posição para produzir discurso e constituir-se como sujeito, propriamente dito, possamos entender que cada um "vê", cientificamente ou filosoficamente, aquilo que a "ideologia teórica", na qual está inscrito prioritariamente, permite! (cf. PÊCHEUX, 1971, p.28). Da mesma forma, temos de levar em conta que cada "ideologia teórica" não se realiza de forma isolada, as ideologias teóricas (de diferentes ciências) constituem relações complexas, há "exterioridade entre as ciências, de modo que uma ciência tem necessariamente como *exterior específico* outra coisa que as outras ciências" (PÊCHEUX, 1971, p.29). O fato é que há uma configuração ideológica específica e, vinculada a ela, há um "campo de instrumentos" possível, fazendo com que a configuração de uma nova ciência ou de uma "disciplina científica" esteja diretamente vinculada à exterioridade, às ideologias teóricas e aos instrumentos que a tornam possível enquanto prática científica, respondendo muitas vezes a demandas políticas e sociais.

A prática científica foi definida por Pêcheux, na década de 1960, como aquela que se constitui a partir de uma matéria (ideológica) a ser trabalhada/transformada e de um instrumento de trabalho, resultando em um sistema de conceitos articulados. Nas palavras do autor, há a "transformação de um produto ideológico em conhecimento teórico, por meio de um trabalho conceitual determinado. O desligamento da teoria em relação à ideologia constitui o 'corte epistemológico'" (HERBERT, 1973[9], p.7). A noção de corte epistemológico ganha uma outra versão, uma vez que ele não se daria estritamente no interior do sistema das ciências, mas em suas relações com o que lhe é exterior. A prática científica se dá, portanto, sempre sob determinadas condições materiais, sociais e históricas de produção, isso precisa ser levado em

conta pelo sujeito da ciência. Os obstáculos epistemológicos que se colocam diante dos avanços das ciências são, em geral, de natureza ideológica e é Pêcheux quem vai colocar em jogo as relações entre ciência e ideologia.

A prática científica, nesse viés, advém ainda e sempre do conceito inicial de prática, ou seja, de um "processo de transformação de uma matéria-prima dada em um produto determinado, transformação efetuada por um trabalho humano determinado, utilizando meios de produção determinados" (HERBERT, 2012, p.24). Assim sendo, não há prática sem sujeito e, portanto, não há como desligar o sujeito da formação ideológica que regula as diferentes combinações, sob as quais ele é interpelado a realizar para responder às demandas da sociedade.

É por tudo isso que entendemos a possibilidade de o discurso do sujeito da ciência ter esse duplo movimento, a partir do qual, ao mesmo tempo, não deve depender do sujeito que discursiviza e também não deve ser totalmente descolado de uma formação ideológica, já que um discurso será sempre discurso de um sujeito.

Em outro momento da reflexão, Pêcheux (1995) passa a tratar de "ideologias teóricas" e "ideologias práticas" com mais força, estabelecendo relações outras entre os saberes. Assim, podemos observar que não se constitui o fio de um discurso (ou um discurso em rede!) apenas levando em conta o discurso de uma ciência em relação com outros discursos de outras ciências, pois as questões teóricas não estão isoladas das questões práticas, mais especificamente das práticas sociais. Há relações entre as ideologias teóricas e as ideologias práticas, o sujeito que toma posição no interior do discurso científico não se exime das outras tomadas de posição que lhe são impostas pela ideologia dominante no interior do sistema capitalista vigente, há uma forma-sujeito em funcionamento. O que observamos em Pêcheux e que nos remete a um diferencial para a tomada de posição do sujeito que trabalha na e para a produção do conhecimento é que há uma necessidade constante de retomadas, reconfigurações... e, nas palavras do autor: "de retificações"! Esse movimento é observável no discurso e, às vezes, se marca como uma certa tomada de consciência do sujeito diante das "coisas a saber".

De acordo com Pêcheux (1995),

> o próprio dos conhecimentos (empíricos, descritivos etc.) que precedem o corte em um campo epistemológico dado é que eles permanecem inscritos na forma-sujeito, isto é, que eles existem sob a forma de um sentido evidente para os sujeitos. (PÊCHEUX, 1995, p.192)

A partir de tal afirmação, compreendemos que a forma-sujeito, por meio de uma tomada de posição no discurso, produz conhecimentos de acordo com as condições ideológicas de produção a que está assujeitada, bem como está constantemente mobilizando parafrasticamente o conhecimento através do interdiscurso intrincado nesse processo e, sendo assim, só produz o seu discurso porque algo já foi dito antes, em outro lugar. Althusser e Badiou (1979[10]) tratam da produção do conhecimento científico, explicitando que ele:

> [...] não nasce nem se desenvolve em um compartimento fechado, protegido por não se sabe qual milagre de todas as influências do meio ambiente. Entre essas influências estão as sociais e políticas que podem intervir diretamente na vida das ciências, comprometer gravemente o curso de seu desenvolvimento e até ameaçar sua existência. Mas existem influências menos visíveis, igualmente perniciosas e inclusive mais perigosas, pois passam despercebidas: são as influências ideológicas. (ALTHUSSER; BADIOU, 1979, p.53)

As determinações ideológicas, que passam despercebidas, permeiam as relações entre os sujeitos, e o sujeito da ciência não escapa desse atravessamento. A ideologia funciona também para produzir um efeitos de "neutralização" de diferenças sócio-políticas e diminuir (ou até apagar) distâncias histórico-sociais. O funcionamento ideológico pode produzir efeitos que estabilizam oposições, apagam contradições e, com isso, apresentar um efeito de transparência em discursos e para sujeitos: é por tudo isso que junto com Althusser e Badiou (1979) entendemos o poder da ideologia enquanto passível de intervir mais ou menos visivelmente em todos os âmbitos da sociedade, inclusive na constituição das ciências.

A questão de que a produção do conhecimento – discurso – científico não se dá em um compartimento fechado, mas que é, a todo

o momento, atravessada por determinações sociais e políticas, não foge do fato de que ela é, em sua essência, ainda e sempre a produção de um discurso. Nesse viés, como um desdobramento ou uma possibilidade de discurso(s), é por meio de um "fio de discurso" que o discurso do sujeito da ciência está atrelado aos efeitos de unidade e de completude que um discurso pode/deve apresentar. Nesse âmbito, entendemos que não há o discurso da ciência, mas o discurso do sujeito da ciência, "porque todo discurso é discurso de um sujeito" (PÊCHEUX, 1995, p.198); e que há, por um lado, um fio de discurso que atravessa esse sujeito menos subjetivo e, por outro lado, um sujeito menos objetivo que aquele idealizado pelo positivismo científico.

Considerando o processo de produção do conhecimento enquanto ciência e o processo de produção dos discursos em geral, Althusser e Badiou (1979) definem singularidades que contribuem com nossa reflexão. Para eles:

> [...] a ciência é a prática produtora de conhecimentos, cujos meios de produção são os conceitos; enquanto que a ideologia é um sistema de representações cuja função é prático social, e que se autonomeia dentro de um conjunto de noções. O resultado próprio da ciência – "resultado do conhecimento" – é obtido pela produção orientada de um objeto essencialmente distinto do objeto dado e distinto inclusive do objeto real. Em contrapartida, a ideologia articula o vivido, isto é, não a relação real dos homens com suas condições de existência, mas sim "o modo pelo qual vivem os homens sua relação com suas condições de existência"[11]. (ALTHUSSER; BADIOU, 1979, p.15)

A partir do exposto, compreendemos que é por meio da ideologia que a produção de conhecimento sai do âmbito da experiência empírica (do senso comum) e possibilita a produção de conhecimentos efetivos, resultado de uma maior elaboração, fornecendo-lhes uma existência material. A ideologia funciona também para a "naturalização" do processo, desde a diferença de classes até a imposição da norma, desfazendo diferenças e promovendo um efeito de transparência dos sujeitos e dos sentidos. A ideologia, portanto, está também na norma e nos sentidos que ela negocia com a ciência. Henry (2013) nos auxilia a apreender essa discussão quando afirma que temos na ciência um

discurso sem sujeito – no senso comum –, porque uma ciência não deve exigir qualquer conhecimento sobre o sujeito que a produziu. No momento em que acessamos um conhecimento científico, não se faz necessário saber tudo acerca do sujeito empírico que o produziu; acessar o conhecimento produzido é de outra ordem. É preciso considerar o sujeito da ciência enquanto tomada de posição capaz de nos direcionar a apreensão de que há uma forma-sujeito que, nesse processo, por uma tomada de posição em relação à teoria e à norma, possibilita a relação entre sujeito e produção de conhecimento/ciência, pois: "se a ciência é um processo de transformação, a ideologia, quando o inconsciente se forma e se fixa nela, é um processo de repetição"[12] (ALTHUSSER; BADIOU, 1979, p.16); o que garante, de certa forma, sua existência no mundo.

Em se tratando dos estudos da linguagem, por exemplo, não temos um "cientista" que não seja, antes de mais nada, sujeito na/da sua própria língua. É pela "experimentação efetiva", pelos instrumentos científicos que o sujeito "pode retirar" a língua (que conhece desde a mais tenra idade) do lugar comum. Há um deslocamento do sujeito empírico para uma tomada de posição em relação à produção do saber. É via instrumentos científicos que o sujeito dá à língua o estatuto de objeto de análise, mas tal processo se realiza em determinado espaço e tempo, sob dadas condições de produção, sempre afetado pela exterioridade e pela historicidade que lhe são constitutivas. Isso pode ser observado nos trabalhos científicos da área de Linguística, sejam eles de uma perspectiva discursiva ou não.

Numa releitura podemos entender que é preciso "descrever o fenômeno científico como uma *atitude*, como uma *tomada de posição* dentro de um debate[13]" (MACHEREY, 2009, p.265), e que "a ciência não determina completamente as condições desse debate", pois ela funciona como uma parte do processo, podendo "também [...] ser questionada *de fora[14]"*. É porque as relações entre a produção do conhecimento e o sujeito da ciência estão postas dessa forma que tanto o resultado das pesquisas advém de uma tomada de posição, quanto os sujeitos, inscritos em formações discursivas dadas, podem tomar uma posição em relação ao que está posto como ciência.

Em nosso entender, a partir da reelaboração da noção de corte epistemológico, tal como havia sido tomada por Bachelard, Michel Pêcheux (1995) passa a tratar a fundação da ciência como "ruptura

epistemológica" e relacioná-la com o funcionamento da noção de forma-sujeito. Para o autor, "distingue-se um duplo sistema de referência, para a prática *científica* e para a prática *política*, com uma remissão perpétua entre os significantes do conhecimento e da política[15]" (PÊCHEUX, 1995, p.189), com o funcionamento garantido no interior do modo de produção capitalista. Merece destaque especial a expressão "remissão perpétua", porque explicita a força inarredável da ideologia na determinação das tomadas de posição do sujeito no discurso e da produção de sentidos, seja no âmbito do científico, seja fora dele. Todo e qualquer discurso produzido está posto em "relação a"[16].

Tratar da prática científica e da prática política vai desencadear uma discussão que coloca em destaque o funcionamento das ideologias "teóricas e práticas", sendo que estas últimas determinam os contornos (formas e limites) das primeiras. Pêcheux explicita que a produção do conhecimento científico é "o efeito (e a parte) de um processo histórico determinado, em última instância[17], pela própria produção econômica" (PÊCHEUX, 1995, p.190). Isso se dá no fio do discurso, do qual não é possível determinar um início ou um final, e o autor acrescenta ainda que não se trata da fundação de uma ciência nova, mas do "começo histórico de uma ciência" e de um "desenvolvimento sem fim que esse começo inaugura" (PÊCHEUX, 1995, p.191).

Sendo assim, todo o conhecimento científico produzido, determinado pelo todo complexo das formações ideológicas com dominante, faz parte de um processo histórico, pois "não há um 'estádio' pré-epistemológico em que 'os homens' se encontrariam diante do mundo em estado de completa ignorância, não há 'estado de natureza' – ou de inocência – epistemológico"[18] (PÊCHEUX, 1995, p.192). O próprio do conhecimento, seja ele empírico ou científico, é que ele permanece inscrito na forma-sujeito, existindo sob a forma de um sentido evidente para os sujeitos, é como se o saber estivesse sempre-lá, já-dado, muito embora ninguém o tivesse "descoberto". E é sob dadas condições de produção, em um dado momento histórico, em um determinado estado da luta de classes, sob o funcionamento de "instrumentos adequados", que tal conhecimento se produz e passa a ser discursivizado como tal. Ao trazer à baila a noção de forma-sujeito, Pêcheux nos remete a compreender as relações entre formações ideológicas e formações discursivas, também no âmbito do discurso

científico, enquanto "intrincação, cujo princípio se encontraria precisamente na 'interpelação'" (PÊCHEUX, 1995, p.182). De fato, estamos tratando das especificidades do processo discursivo, tal como o concebeu Pêcheux (1995), numa tentativa de explicitar como ele se realiza no âmbito do científico, ou seja, como funciona "o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos – 'significantes' – em uma formação discursiva dada" (Idem, p.161).

Ao analista de discurso interessa, de fato, o processo; e a produção do conhecimento se dá pela observação das relações que se estabelecem para que se tenha, num dado momento histórico, um "produto" e não outro, concebido enquanto uma prática: um discurso. Pelas "práticas discursivas" podemos observar as relações entre os domínios da ciência e da política não como justapostos ou opostos, mas como "articulados" (PÊCHEUX, 1995, p.213). O sujeito, ao mesmo tempo, é o ator e inscreve-se nas práticas discursivas, assujeitando-se à ideologia dominante. Tais indicações de Pêcheux, em nosso entender, são indispensáveis para refletirmos sobre o que significa produzir conhecimento na área dos Estudos da Linguagem e da Análise de Discurso e sobre o que significa identificar o "sujeito da ciência", um sujeito presente "por sua ausência" (PÊCHEUX, 1995, p.198) e para além de qualquer evidência objetiva; o que intervém em nosso fazer cotidiano, enquanto pesquisadores. De fato, estamos sempre em processo e como nos ensina Pêcheux: "vão se formando respostas novas a questões que não haviam sido colocadas" (PÊCHEUX, 1995, p.194).

2. A historicidade na produção do conhecimento científico

A reflexão a qual estamos nos dedicando acerca das noções de produção do conhecimento e prática científica, a partir da perspectiva discursiva, nos faz perpassar outras noções que são constitutivas destas, dentre as quais destacamos a de história e de historicidade. Ao compreendermos a importância da história das ciências, não estamos fazendo referência a ela como uma cronologia qualquer ou como aquela que fornece elementos contextuais para a produção do conhecimento ou de uma prática ou um discurso dito científico. Para nós, a história é muito mais, ela é constitutiva de todo o processo discursivo e não pode ser negada em nome de uma "desejada" linearidade do dizer ou de uma presentificação dos sentidos.

Haroche (1992) colabora com nossa reflexão ao explicitar como se dão as formas de assujeitamento ideológico às quais o sujeito está exposto enquanto falante da língua e enquanto sujeito que produz conhecimento sobre a língua. A partir das considerações desta autora, somos conduzidos a compreender que, além da sujeição à língua e, consequentemente, ao discurso, o sujeito que produz conhecimento também assujeita-se à teoria e à norma. Sendo assim, é por meio de movimentos parafrásticos, que garantem uma regularidade e um efeito de neutralidade do discurso, que o sujeito não só desloca os sentidos já estabelecidos, mas também adequa-se à norma para produzir conhecimentos. Percebemos, assim, um fio do discurso e/ou uma rede de filiações de sentido (SCHNEIDERS, 2011) que configuram um efeito de unidade e de reconhecimento frente ao que se produz enquanto discurso da ciência, regularizados pelo que prevê a norma.

Considerando um possível percurso do discurso sobre a produção do conhecimento, compreendido a partir das noções propostas pela História das Ideias Linguísticas, o conceito de historicidade se faz essencial a esse processo, na medida em que "compreender a temporalidade significa atentar para as diferentes temporalidades inscritas no discurso, mostrando as relações entre elas e os efeitos de sentido que aí se produzem" (NUNES, 2005, p.4). A própria noção de que o discurso não pode ser considerado nele e por ele mesmo, mas que deve ser apreendido sempre como uma atualização do dizer, já apresenta um percurso histórico. Diferentes autores – Michel Pêcheux, Sylvain Auroux, Paul Henry – defendem que, em um discurso, estão imbricados não só os já-ditos do interdiscurso, mas também uma transformação do dizer, atravessado, por sua vez, pelas condições de produção históricas e espaço-temporais de cada discurso. É por tudo isso que reafirmamos, junto com Henry (2013, p.9) que "o discurso não funciona de modo isolado".

Para nós, a noção de corte continuado colabora para que possamos refletir sobre a constituição de uma historicidade das e nas ciências. Nos diz, ainda, Sylvain Auroux (1992, p.14) que todo o saber é um produto histórico que "resulta a cada instante de uma interação das tradições e do contexto" (tomamos a noção de "contexto", nesse caso, como correspondente a de condições de produção que estamos considerando), assim sendo, entendemos que a produção do conhecimento linguístico engendra, concomitantemente, o já-dito e a atualização do saber, pois

os conhecimentos não podem ser "fechados em paradigmas específicos" (AUROUX, 1992, p.14), e sim são construídos a partir de uma rede de filiações teóricas que é atravessada por um "horizonte de retrospecção e de projeção" que se constitui em relação aos discursos e aos sujeitos que o produziram.

Entendemos que pela produção do conhecimento, mesmo na situação de atualização do dizer, sempre haverá sentidos que se mantém, já-ditos que permanecem mesmo que os sujeitos falem de posições diferentes e atravessados por diferentes condições de produção do discurso. É um dizer que volta e que nos permite perceber uma regularidade em se relacionar passado e presente/já-dito e atualização do dizer. São as regularidades do discurso que recuperam uma memória discursiva, que seria:

> [...] aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2010[19], p.52)

O discurso é produzido por um dado sujeito, inclusive na produção do conhecimento e, portanto, pode sempre se deslocar, mas uma regularidade pode ser identificada, por isso passível de interpretação. Se fosse possível delinearmos um percurso, consideraríamos finalmente que também na prática científica os discursos se convocam: "o que se diz, o que se escuta, é sempre atravessado por algo que *já foi dito*, atravessado por um dito anterior. [...] O discurso não funciona de modo isolado, ele está sempre ligado a outros discursos que se convocam, que são convocados por sua letra, sua materialidade"[20] (HENRY, 2013, p.9).

Sobre essa atualização do dizer, consideramos ainda o que nos diz Thomas Herbert (1973[21]) acerca do discurso que se reproduz e que, muitas vezes, reflete sobre uma teoria, mantém uma regularidade e tem um efeito de coesão: "não basta que uma ciência fale, é preciso também que ela se ouça falar: somos conduzidos à ideia de que a reprodução metódica do objeto consiste em uma reflexão do discurso teórico sobre si mesmo que lhe confere a coesão" (HERBERT, 1973, p.31-32). O

mesmo autor ainda afirma que "[...] as experiências variam as questões, e é esta variação que representa o jogo de que dispõe um discurso científico para adaptar-se a si mesmo" (Idem, p. 32); ou seja, na atualização do dizer, podem ser percebidas variações de um conhecimento e esse fato é relevante por ter o funcionamento de adaptar e fortalecer o discurso do sujeito da ciência.

É pelo discurso em movimento que se pode analisar os efeitos de unidade e de transparência do sujeito e dos sentidos. Sendo assim, entendemos que o discurso do sujeito da ciência, sobretudo aquele direcionado à divulgação científica, se realiza por regularidades que reforçam um efeito de unidade e de objetividade entre os discursos do interdiscurso, sendo os movimentos parafrásticos que ativam uma memória sobre o conhecimento.

Considerações finais

Refletir sobre a produção do conhecimento e sobre a prática científica implica em uma reflexão sobre o que entendemos por ciência e sujeito da ciência. E se o desafio é compreender tais noções a partir de escritos de Michel Pêcheux, tal reflexão implica a noção de "corte", sobretudo, para se perguntar corte em relação a quê? Seria realizar um corte em relação à história da ciência ou à produção do conhecimento? Ou seria um corte em relação às correntes evolucionistas de produção do conhecimento? Um corte que seria capaz de marcar as diferenças entre o idealismo e o materialismo histórico? A primeira pergunta não nos possibilita uma resposta definitiva. A segunda pergunta não se sustenta, posto que tal corte levaria o sujeito da ciência para os caminhos da fragmentação do saber, inaugurando imaginariamente a toda hora uma disciplina científica a-histórica. No tocante às demais perguntas, elas continuarão nos desafiando a partir do que está posto nos escritos pecheuxtianos, considerando que o corte é uma ruptura produzida por tomadas de posição-sujeito no interior do discurso, já que para Pêcheux (1995):

> o processo de produção dos conhecimentos é um 'corte continuado'; ele é como tal, coextensivo às ideologias teóricas das quais ele *não cessa de se separar*, de modo que é absolutamente impossível encontrar um puro 'discurso

científico'[22] sem ligação com alguma ideologia[23]. (PÊCHEUX, 1995, p.198)

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, L. (1973). *Resposta a John Lewis: a questão do humanismo*. Lisboa: Editorial Estampa.

ALTHUSSER, L.; BADIOU, A. ([1969] 1979). *Materialismo Histórico e Materialismo Dialético*. Trad.: Elisabete A. P. dos Santos. São Paulo: Global.

AUROUX, S. (1992). *A revolução tecnológica da gramatização.* Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP.

BACHELARD, G. (1972). *Le matérialisme rationnel*. Paris: Presses Universitaires de France. 3ª ed.

CANGUILHEM, G. (2009). *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

HAROCHE, C. (1992). *Fazer dizer, querer dizer.* Trad.: Eni Orlandi. São Paulo: Hucitec.

HENRY, P. (2013). "O discurso não funciona de modo isolado". Entrevista concedida a José Horta Nunes. *Jornal da Unicamp,* n. 587. Campinas, 16-31, p. 9. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/587/o-discurso-nao-funciona-de-modo-isolado>. Acesso em: 10 de maio de 2015.

_____. (1993). "Os fundamentos teóricos da 'análise automática do discurso' de Michel Pêcheux (1969)". In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso.* Trad.: Bethania S. Mariani. Campinas: Editora da Unicamp. 2ª ed.

HERBERT, T. ([1966] 1973). "Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social". In: Revista *Tempo Brasileiro*, n. 30/31, p. 3-36.

_____. ([1966] 2012). "Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social". In: ORLANDI, E. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux.* Textos selecionados. Campinas: Pontes, 3ª ed., p. 21-54.

MACHEREY, P. (2009). "A Filosofia da ciência de Georges Canguilhem". In: CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 6ª ed.

NUNES, J. H. (2005). "Leitura de arquivo: historicidade e compreensão". In: SEMINÁRIO EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2.,

Porto Alegre. *Anais Eletrônicos...* Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/sead2_simposios.html>. Acesso em 20 de maio de 2015.

ORLANDI, E. (2011). "Ler Michel Pêcheux hoje". In: ORLANDI, E. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados. Campinas: Pontes.

PÊCHEUX, M. ([1975]1995). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Unicamp. 2ª ed.

_____. ([1983] 2010). "Papel da memória". In: _____; DAVALLON, J.; DURAND, J. L. *Papel da memória.* Campinas: Pontes. 3ª ed.

_____. "Ideologia e história das ciências". In: _____; FICHANT, M. (1971). *Sobre a História das Ciências*. Trad.: F. Bairrão. Lisboa: Editorial Estampa.

_____.; BALIBAR, E. (1971). "Definições". In: _____; FICHANT, M. *Sobre a História das Ciências.* Trad.: F. Bairrão. Lisboa: Editorial Estampa, p. 11-16.

SCHERER, A. E.; DIAS, C.; PETRI, V. (2014). "Dialectiques: uma contribuição para a história da produção do conhecimento sobre a linguagem nos anos 60, 70 e 80". In: BALDINI, L. (Org.) *Análise de Discurso e Materialismo Histórico: língua, sujeito e ideologia*. No prelo.

SCHNEIDERS, C. (2011). *Atravessamento de saberes nos estudos sobre a linguagem no/do Brasil nos anos 50*. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

Palavras-chave: discurso, produção do conhecimento, prática científica, Michel Pêcheux.

Keywords: discourse, production of knowledge, scientific practice, Michel Pêcheux.

Notas

[*] Mestranda em Estudos Linguísticos do PPGL/UFSM. Integrante do Laboratório Corpus.
[1] Este texto foi publicado em francês em 1969.
[2] Agradecemos a leitura atenciosa e plena em sugestões dos colegas Amanda Scherer e Maurício Beck, pesquisadores que assumem conosco o desafio de ler Michel Pêcheux.
[3] Cf. noção pecheuxtiana de formações imaginárias.
[4] Noção cunhada por Louis Althusser (1973) em "Resposta a John Lewis", retomada e bastante trabalhada por Michel Pêcheux.
[5] A data do original em língua francesa é 1969, mas utilizaremos a tradução portuguesa de 1971.
[6] A data do original em língua francesa é 1975, mas utilizaremos a tradução brasileira de 1995.
[7] "os continuístas gostam de refletir sobre as origens. Permanecem na zona de elementaridade da ciência". (Tradução de F. Bairrão, In: PÊCHEUX, M; FICHANT, M. Sobre a história das ciências. 1971, p. 179).
[8] A primeira edição é de 1953.
[9] A primeira edição foi publicada em francês em 1966.
[10] A primeira edição foi publicada em francês em 1969.
[11] Grifos dos autores.
[12] Grifos dos autores.
[13] Itálicos do autor.
[14] Itálico do autor.
[15] Itálicos do autor.
[16] Expressão utilizada mais de uma vez por Georges Canguilhem, em *O normal e o patológico*. É no sentido que ele confere a tal expressão que a estamos utilizando aqui.
[17] Ele coloca a produção econômica como uma das partes do processo histórico, mas a determinação se dá no interior do processo de produção do conhecimento científico, seja pela instância econômica seja pela não-econômica.
[18] Aspas do autor.
[19] A primeira edição foi publicada em francês em 1983.
[20] Itálico nosso.
[21] A primeira edição foi publicada em francês em 1966.
[22] Destaques (itálico e aspas) do autor.
[23] Sempre levando em conta que a ideologia está em pleno funcionamento, sobretudo quando simula não estar funcionando.